

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Curso de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes
Visuais

Kelly de Araújo Kremer

A ARTE NO COTIDIANO ESCOLAR O poder da transformação

Rio de Janeiro
2022



Kelly de Araújo Kremer

A ARTE NO COTIDIANO ESCOLAR

O poder da transformação

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais

. Orientadora Professora Dr^a Janaína Laport Bêta

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

K92 Kremer, Kelly de Araújo.

A arte no cotidiano escolar: o poder da transformação / Kelly de Araújo Kremer. – Rio de Janeiro, 2022.

16 f.

Artigo Acadêmico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Janaína Laport Bêta.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Abordagem triangular. 3. Arte educação. I. Bêta, Janaína Laport. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Kelly de Araújo Kremer

A ARTE NO COTIDIANO ESCOLAR

O poder da transformação

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Profª Drª Janaína Laport Bêta
Colégio Pedro II

Profª Mestre Raquel Teixeira de Souza
Colégio Pedro II

Profª Drª Camila Nagem Marques Vieira
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2022

A ARTE NO COTIDIANO ESCOLAR

O poder da transformação

Kelly de Araújo Kremer

Resumo: Este artigo pretende refletir acerca da importância do acesso ao ensino da Arte no ambiente educacional. Contextualizará brevemente sua implementação e discutirá seu contexto atual no cotidiano escolar. Buscará ainda ressaltar que o contato com a Arte, proporcionado através da Arte-Educação, mediante práticas afinadas com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e com o pensamento de Paulo Freire, configura-se importante agente potencializador da transformação e humanização do indivíduo; por meio da elaboração da sensibilidade e da criatividade, bem como o desenvolvimento do senso crítico, contribuindo para que o estudante esteja apto ao pleno exercício da cidadania.

Palavras-chave: Abordagem triangular. Arte Educação. Crítica.

ART IN SCHOOL EVERYDAY LIFE

The power of transformation

Abstract : This article intends to reflect on the importance of access to the teaching of Art in the educational environment. Contextualizing its current context and its current service in everyday life It will also appear that the contact with Art, provided through Art-Education, through the triangular approach of Ana Mae Barbosa and with the thought of Paulo Freire, configures an important potentiating agent of the transformation and humanization of the individual; through the elaboration of sensitivity and creativity, as well as the development of a critical sense, to what is the full apt development of citizenship.

Keywords: Triangular approach. Art Education. Criticality.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo desse artigo discorreremos sobre os caminhos percorridos pela Arte Educação no Brasil, tecendo breve relato acerca de sua constituição. Buscaremos pontuar desacertos sobre a interpretação de objetivos do ensino de Artes Visuais que ainda vigoram no cotidiano escolar. Em sequência acercaremos um breve histórico da legislação específica do Ensino de Artes no Brasil e de como ocorreu sua implementação. Ressaltaremos a importância da Abordagem Triangular formulada por Ana Mae Barbosa apresentando-a brevemente, destacando possível diálogo entre sua abordagem e o pensamento do patrono da Educação brasileira, Paulo Freire. Mais adiante, ainda pautados nos autores citados, buscaremos pensar a importância da presença da Arte no cotidiano escolar como elemento transformador, ressaltando seu poder no desenvolvimento da criticidade, bem como na formação do senso crítico e na construção sólida do respeito a cultura de todos os que compõem a diversidade humana.

Pretendemos trazer uma reflexão sobre a importância da Arte no espaço escolar, ressaltando que o contato com o universo artístico pode contribuir com a transformação do indivíduo. O contato com Artes Visuais no Ensino Fundamental e Médio pode ampliar repertórios e espaços de atuação e participação social. A potência transformadora da Arte, a nosso ver, refere-se diretamente às possibilidades acessadas através da educação estética, capaz de desenvolver habilidades que conduzem a uma leitura de mundo mais abrangente, contribuindo para a formação de seres humanos mais críticos e conseqüentemente mais conscientes de sua história e do lugar que ocupam na sociedade.

2. PARA QUE SERVE O ENSINO DAS ARTES VISUAIS?

Desde os idos dos anos de 1980 educadores brasileiros lutam em prol do reconhecimento da importância do Ensino da Arte na escola básica, buscando desconstruir a ideia, enraizada no âmbito escolar, da arte enquanto superficialidade. Infelizmente, ainda nos dias atuais nos deparamos com realidades escolares em que a disciplina é (in) compreendida e vista como um “espaço reservado” na grade escolar entre as demais disciplinas, estas sim consideradas “sérias”. As aulas de artes seriam consideradas por muitas instituições de ensino como um “momento” no currículo para realização das demandas festivas da escola, ou, como nos disse com clareza (TROJAN, 1996 p.87-88) em seu artigo *A arte e a humanização do homem: afinal de contas para o que serve a arte?* Para que se faça “cartões para o Dia das Mães ou bandeirinhas para a festa de São João”. Apesar do assombro que esse modo de pensar nos causa, ainda vivenciamos o absurdo de, enquanto arte-educadores, sermos confundidos com “animadores” ou “decoradores” de festividades escolares.

Para os que insistem em vê-la como “perfumaria”, percebê-la como importante aliada e potencializada a no desenvolvimento do senso crítico, na ampliação de habilidades sensíveis, bem como na construção de conhecimentos diversos, é uma realidade inimaginável. Muito do que dificulta a compreensão da importância da educação estética e da presença ativa da Arte na formação de nossas crianças e jovens se deve à polarização entre razão e emoção, que se estabelece em decorrência de um modelo social pautado em uma lógica capitalista. Acerca disto, já nos teria alertado DUARTE JR (1994) em sua obra *Por que arte-educação?* ressaltando que uma sociedade desatenta à necessidade humana da arte, constantemente caminha em direção perigosa.

3. (DES) CAMINHOS DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL

Para compreender a implementação do ensino da Arte no Brasil é necessário termos em mente que sua inserção oficial como "atividade educativa" se deu em 1971, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 5692/71). Naquele contexto histórico, sob a égide da disciplina nomeada "Educação Artística", os ensinamentos das Artes Plásticas, da Educação Musical e o ensino das Artes Cênicas passam a fazer parte do currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio.

Seguindo por um viés cronológico temos em 1973 a criação dos primeiros cursos de licenciatura em Artes. Os referidos cursos traziam proposta de formação polivalente, onde um mesmo professor estaria habilitado a atuar nas distintas áreas de conhecimento. Essa formação se revelou prejudicial em muitos aspectos, por "validar" uma prática que contribuiu, mesmo que indiretamente, para a desvalorização do ensino de Arte. Por conta dessa formação que um dia foi "polivalente", por vezes o professor de artes se vê obrigado a ministrar uma disciplina que não é a da sua linguagem de formação.

É fundamental que tenhamos consciência sobre a importância do profissional formado na área específica da disciplina a ser ministrada e do quanto esse é um espaço de luta por parte dos profissionais da Arte Educação. Entretanto, é importante pontuar também, uma realidade contraditória, visto que, infelizmente, alguns professores acreditam estarem aptos a ministrarem aulas de Música por saberem tocar algum instrumento; Teatro, por já terem feito peças na igreja; Artes Visuais por saberem desenhar e ainda, Dança, por terem o hábito de dançar! É de extrema relevância que efetivamente haja uma tomada de consciência pedagógica tanto por parte da totalidade das instituições de ensino, quanto de alguns profissionais equivocados - acerca do fato que, apesar de bastante óbvio, parece muitas vezes ser ignorado: existem conteúdos próprios a cada área de conhecimento que devem ser dominados e respeitados, e que para tanto demandam formação superior específica. Só assim esses conteúdos poderão ser ministrados com o mínimo de responsabilidade, construindo um ensino-aprendizagem significativo". Se todos concordamos que seria inadmissível um professor formado em História dar aula de Geografia, (visto que seus conhecimentos se referem a história e não a geografia), porque haveríamos de achar adequado um professor formado em Artes Cênicas ter que ministrar aulas de Artes Visuais?

No ano de 1996, houve uma nova mudança na Lei de Diretrizes e Bases da Educação que tornou obrigatório o ensino da Arte na Educação Básica. Dessa forma, "[...] o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (LDB, 1996, p. 16). Outro documento elaborado para subsidiar o ensino de Arte na Educação Básica foram os Parâmetros Curriculares Nacionais que surgiram em 1997. Não se tratava propriamente de um currículo, mas sim de uma orientação curricular que começou a ser elaborada em 1995, a partir de uma análise aprofundada dos documentos curriculares brasileiros. Os parâmetros Curriculares Nacionais definem então que a área de Arte é composta por quatro linguagens artísticas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais na área de Artes Visuais se estabelece três diretrizes básicas para a ação pedagógica. São diretrizes que ecoam os eixos da chamada "Metodologia Triangular" ou melhor, "Abordagem Triangular", estruturada por Ana Mae Barbosa. Segundo os próprios Parâmetros, o "[...] conjunto de conteúdos está articulado dentro do processo de ensino e aprendizagem e explicitado por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar" (BRASIL, 1998, p. 49).

Atualmente as escolas brasileiras estão se adaptando à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que vêm sendo produzida desde os anos de 2014 a 2017. Esse documento se refere a um currículo que garanta o direito à educação em seus vários níveis, como também proporcione a organização da proposta pedagógica, onde os alunos de qualquer parte do território nacional tenham assegurados os direitos básicos de ensino.

A BNCC sugere algumas dimensões de conhecimento a serem atingidas no ensino de Arte, com o objetivo de contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, sendo eles: “Criação, crítica, estesia, expressão, fruição, reflexão” BNCC (BRASIL, 2017, p. 192-193). Em seu texto estabelece o destaque da atuação, a partir dos anos finais do Ensino Fundamental, de docentes com formação específica nas distintas modalidades artísticas. Sendo um documento normativo, queremos crer que deveria determinar a anulação das práticas polivalentes que não mais condizem com a realidade dos cursos de licenciatura no Brasil, que cessaram de ser polivalentes desde a década de 1990. Contudo, o texto da BNCC faz com que arte-educadores de todo Brasil se coloquem em estado de alerta, ao nomear a área de conhecimento como “componente curricular ARTE”, referindo-se as Artes Visuais como uma das “linguagens” que juntamente com Dança, Música, Teatro e Artes Integradas passam a serem nomeadas “unidades temáticas”. Percebemos claramente, uma vez mais, a ameaça da polivalência a rondar a prática dos arte-educadores no cotidiano escolar.

Podemos perceber após essa breve reflexão acerca dos caminhos da implementação do ensino da Arte no Brasil que todas as alterações no sistema de educação brasileiro no tocante a Arte, se inspiram na sistematização da Abordagem Triangular: A LDB/1996, PCN-Arte, BNCC, além de outros instrumentos legais que transformam a nova Lei de Diretrizes e Bases, como a Lei 13.278/2016. Esta última alterou o artigo vinte e seis da LDB 9394/96, implementado para o ensino da Arte quatro linguagens artísticas específicas e obrigatórias na Educação Básica: Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. Constatamos, então, que a Abordagem Triangular foi um divisor de águas nas concepções de ensino de Arte. Buscaremos compreendê-la um pouco mais no próximo tópico.

3.1. A Abordagem Triangular

Ana Mae Barbosa foi pioneira na sistematização do ensino de Arte em museus. Sua proposta foi testada por uma equipe de arte-educadores que percorriam a leitura das obras de arte do acervo do museu com espectadores leigos. O objetivo era que a equipe conseguisse compartilhar saberes referentes à história da arte através do trabalho de atelier agregando ao fazer artístico referências históricas. Essa experimentação e seus desdobramentos possibilitou a estruturação do que viria a ser a abordagem triangular.

Inicialmente conhecida como “Metodologia triangular” e posteriormente “Proposta triangular”, foi idealizada por Ana Mae Barbosa no início dos anos de 1980. Acerca da nomenclatura, a própria autora teria afirmado preferir a segunda:

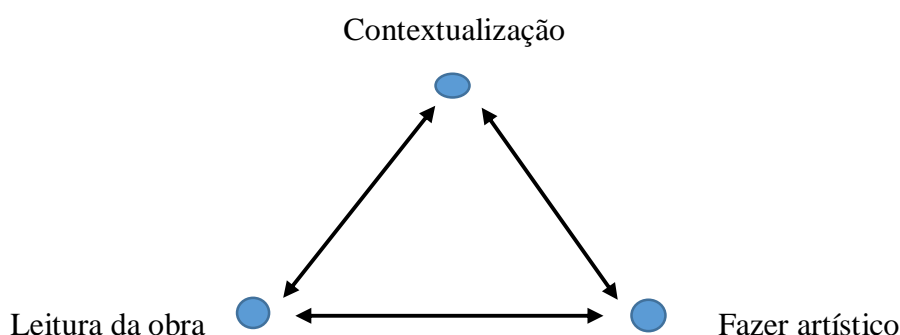
(...) Culpo-me por ter aceitado o apelido e usado a expressão Metodologia Triangular em meu livro (...) depois de anos estou convencida de que metodologia é a construção de cada professor em sua sala de aula e gostaria de ver a expressão Proposta Triangular substituir a prepotente designação Metodologia Triangular. (BARBOSA, 1998, p.33)

A abordagem surge a partir de pesquisas da autora quando esteve à frente da direção do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP, sendo influenciada pelos movimentos das *Escuelas al Aire Libre* do México, os *Critical Studies* (estudos críticos) da Inglaterra e a proposta da *Disciplined-based Art Education* (DBAE), dos EUA, assim como a influência das ideias e pensamentos pedagógicos do educador brasileiro Paulo Freire.

A Abordagem Triangular procura entender e buscar uma aprendizagem significativa através da legitimação do ensino da Arte, levando o estudante a analisar criticamente a produção artística de diferentes épocas e contextos, tornando-se assim mais capacitado a entender a construção dos códigos da Arte, bem como de ampliar sua leitura do mundo. Ana Mae Barbosa justifica sua importância para o ensino da Arte quando diz que:

A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos. (BARBOSA, 2001 p.33)

A base dessa abordagem, como o próprio nome sugere, é a triangulação, que engloba vários pontos de ensino/aprendizagem, formando três sentidos interligados.



Segundo o pensamento estruturado na abordagem da autora (como podemos perceber na figura acima), o ensino da arte deve se pautar em três eixos de abordagem:

3.1.1 - Contextualização histórica

Trata-se de um relacionar/integrar com o mundo interno e externo. Consiste em não apenas mostrar a obra, mas promover discussões onde serão pontuadas o contexto em que ela foi criada, ou seja: momento histórico, questões sociais, geográficas etc. Aqui podemos perceber todo o potencial desse fazer, que não se limita apenas a disciplina de Artes Visuais. Através da contextualização podemos contribuir com a interdisciplinaridade, pois contextualizar é estabelecer relações.:

A ênfase na contextualização é essencial em todas as vertentes da educação contemporânea, quer seja ela baseada em Paulo Freire, Vygotsky, Apple [...] sem o exercício da contextualização corremos o risco de que, do ponto de vista da arte, a pluralidade cultural se limite a uma abordagem meramente aditiva. (BARBOSA, 1998, p.93)

3.1.2 - Fazer artístico

Produção de atelier – Nessa etapa o estudante será estimulado a realizar uma criação plástica. Acerca do fazer artístico Ana Mae nos dirá:

Quando o aluno observa obras de arte e é estimulado e não obrigado a escolher uma delas como suporte de seu trabalho plástico, a sua expressão individual se realiza da mesma maneira que se organiza quando o suporte estimulador é

a paisagem que ele vê ou a cadeira de seu quarto. [...]. O importante é que o professor não exija representação fiel, pois a obra observada é suporte interpretativo e não modelo para os alunos copiarem (BARBOSA, 2001, p.118).

Esse fazer deve ser significativo, nele o estudante deve ser estimulado a se desvencilhar de padrões pré-estabelecidos e de estereótipos gráficos, indo ao encontro de uma produção autêntica, criativa, articulada a aspectos de sua subjetividade.

3.1.3 - Apreciação artística – Leitura de obra

Momento de leitura e reflexão acerca das obras apresentadas inicialmente, em articulação com as produções realizadas pelos estudantes. Espera-se que a leitura de imagens conduza a procura e a descoberta, levando à crítica e geralmente expressando um ponto de vista ou uma opinião pessoal. O incentivo e a incrementação do potencial de leitura visual/imagética se mostra a cada dia mais fundamental. Segundo palavras da própria Ana Mae em “um país onde os políticos ganham as eleições através da televisão. A alfabetização para a leitura é fundamental e a leitura da imagem artística, humanizadora”. (BARBOSA,1998, p.35)

Em nossa vida diária estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p.17)

Aplicar a Abordagem Triangular na construção metodológica de suas aulas requer do professor a plena compreensão de que ao apresentarmos ao estudante a dinâmica de contextualização da obra, contribuimos para que ele amplie suas possibilidades de compreensão ao se aproximar do contexto cultural e histórico do artista e da obra.

Quanto ao fazer artístico, devemos sempre estar atentos a um aspecto crítico relativo a essa prática tão relevante: a prática deve caminhar junto com a contextualização e apreciação para não correr o risco de cair em um vazio pedagógico, reduzido a um reproduzir mecanizado, que beire a cópia. O fazer artístico deve ser valorizado, mas sempre contextualizado, afinado com as vivências pessoais e sociais dos estudantes. Devemos sempre considerar a importância da realização de uma transposição do contexto social do artista para o contexto social dos estudantes.

Com relação a apreciação artística, haverá todo um empenho direcionado à leitura, pautada na descoberta, na interpretação crítica por parte do estudante em relação ao objeto artístico. Importante frisar que o foco não é a figura do artista, mas sim, a obra. Nessas articulações entre os contextos sociais, geográficos e históricos das obras e dos estudantes podemos perceber e ampliar a escola como importante lugar de memória social, promovendo o reconhecimento e a articulação entre histórias e culturas diversas, sendo este um dentre os mais importantes aspectos da arte-educação. A Arte no cotidiano escolar é importante aliada na conscientização do pertencimento histórico e cultural e na promoção de todos os benefícios para a formação cidadã decorrentes deste processo, como nos esclarece Paulo Freire acerca da educação como um todo e Ana Mae Barbosa no que se refere ao ensino da Arte em particular.

4. A ARTE NO COTIDIANO ESCOLAR

Segundo o pensamento de Paulo Freire e de Ana Mae Barbosa o processo educacional é essencialmente político e envolve a conscientização de nosso pertencimento histórico e cultural, os quais norteiam a nossa reflexão crítica e participação social. A presença e o ensino da Arte na escola são de suma importância, pois através dela os estudantes além de desenvolverem habilidades como pintar, recortar ou desenhar, ampliarão visões de mundo, pois através do exercício da criatividade se tornarão cada dia mais questionadores. A Arte no ambiente escolar estimula o pensamento crítico, a autonomia, a colaboração e cooperação entre indivíduos, ampliando a capacidade de tomada de decisões. O ponto de partida para essa elaboração e ampliação de visões através de leituras de obras de Arte tem por ponto determinante jamais desconsiderar ou desrespeitar as leituras de mundo de cada estudante.

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. (FREIRE, 2007 p.63)

Aprofundando esse aspecto o PCN (Parâmetro Curricular Nacional) destacava:

Uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor por meio de uma síntese ausente na explicação dos fatos. (BRASIL, 1997, p.19)

Vale ressaltar que o ensino de Artes Visuais na escola possibilita através da leitura de imagens, o desenvolvimento estético do estudante, auxiliando-o na ampliação de um olhar observador, reflexivo e crítico. A respeito da importância de formarmos leitores visuais Ana Mae Barbosa nos dirá ainda:

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a preparamos para aprender a gramática da imagem em movimento. (BARBOSA: 2001, p.34)

Por meio das obras de Arte apresentadas em sala de aula, é possível ter contato, conhecer e aprender a respeitar culturas, sociedades e grupos. Deste modo percebemos como a Arte contribui para preservar e manter vivos os aspectos que marcam e definem as características de um povo. Através da Arte o estudante tem a possibilidade de ver o mundo, outras culturas e visualidades, ampliando seu repertório, dado que por vezes habita um ambiente empobrecido

de estímulos. Assim ampliará suas possibilidades de reconhecer e valorizar inclusive e sobretudo seu próprio ambiente cultural.

As culturas de classes sociais economicamente desfavorecidas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação dessas classes. Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na Educação. As décadas de luta para que os oprimidos possam se libertar da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. (BARBOSA, 2008a, p. 19–20).

Consideramos que a Arte contribua com o desenvolvimento da capacidade de leitura de mundo. Desenvolvendo olhares interculturais na observação da cultura do outro (buscando compreendê-la e respeitá-la, apreciando e aprendendo a admirá-la), sem que para isso seja necessário abrir mão de nossa própria cultura, estaremos mais próximos da erradicação de diversos “pré-conceitos” existentes na sociedade. Compreendendo cidadania como a capacidade plena de exercer direitos e deveres do ser humano, percebemos com clareza a necessidade social de desenvolver práticas que aprimorem a capacidade cidadã. A escola, como principal espaço de desenvolvimento da socialização deve contribuir com o desenvolvimento da cidadania. Nesse aspecto a Arte se revela importante aliada em todo o seu poder de transformação de realidades e ampliações de mundo. Cabendo aos professores de um modo geral e aos arte-educadores de modo particular, o cultivo e estímulo ao desenvolvimento do pensamento crítico que conduzirá ao pleno exercício da cidadania. Nesse aspecto os Parâmetros Curriculares Nacionais destacavam o papel do educador:

É muito importante que o educador saiba o seu papel e que esteja em constante atualização perante a escola e sociedade, o professor de arte deve trabalhar a subjetividade do aluno no ensino da arte, estimulando-o à criação artística. Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno significa não isolar a escola da informação social e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais. Nesse contexto, o aluno aprende com prazer a investigar e compartilhar sua aprendizagem com colegas e outras pessoas, ao relacionar o que aprende na escola com o que se passa na vida social de sua comunidade e de outras. (BRASIL, 1999 p.44).

Acreditamos na importância de escolas com posturas críticas, que busquem cada vez mais desenvolver atividades dentro de um projeto político pedagógico que aborde urgências da sociedade no que tange ao pleno exercício da cidadania, que passa, necessariamente, pela visão crítica e clara acerca de direitos e deveres. Tais atividades, ao envolver corpo docente, equipe pedagógica, alunos e demais integrantes da comunidade escolar, provavelmente alcançará maior eficiência, pois para uma transformação efetiva se faz necessário que todos os envolvidos estejam em dinâmico processo de construção de saberes.

O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica. (FREIRE, 2007 p.58)

Defendemos que o ensino da Arte pode em muito contribuir com ações pedagógicas que visem trabalhar em prol dessa construção coletiva de saberes e fazeres dentro da comunidade escolar.

4.1 ARTE E CRITICIDADE

A Arte, como disciplina escolar habita um território de luta, onde há confrontos e embates. Seja do professor com seus colegas de outras disciplinas, seja em relação ao posicionamento da instituição acerca de sua área de conhecimento, ou ainda, esse mais desafiador, em relação a postura inicial dos estudantes. Enquanto alguns se identificam com a Arte, e veem na disciplina uma oportunidade de aprofundar conhecimentos e experiências, outros demonstram uma certa resistência, rejeitam as experiências propostas, e julgando os saberes relacionados a disciplina desnecessários não se permitem conhecer, experimentar. Realizam mecanicamente as atividades propostas sem envolvimento, e desse modo não chegam a ter experiências significativas.

Alguns estudantes, já formatados por uma sociedade onde a razão é hipertrofiada supervalorizam saberes que sejam diretamente relacionados ao modo das questões exatas, julgam erroneamente os saberes da Arte insignificantes ou desnecessários para a sua formação. Acreditando nunca precisarem empregar tais conhecimentos em suas vidas, não se permitem acessá-los, não percebendo que desse modo mutilam parte significativa de suas existências. Nesse contexto, caberá à arte educador combinar a Arte à educação em sentido pleno, percebendo que, junto a estudantes que demonstram tanta resistência é que seu trabalho se revela ainda mais necessário, e que sua atuação em muito deverá exceder ao repasse de conteúdos.

Nesse aspecto é que a leitura de obra articulada sempre à leitura de mundo se revelará forte aliada na aproximação de estudantes mais resistentes com o universo da Arte. Da mesma forma que em outras áreas do conhecimento, o professor “traduzirá” o seu objeto de estudo, no caso a obra de Arte, aproximando-o das vivências do estudante. Em outras palavras, o professor ao mediar o encontro entre os estudantes e as Artes Visuais, respeitando o tempo e as experiências individuais, gradativamente irá demonstrando o potencial que as obras carregam em si, como importantes aliadas no tocante aos questionamentos, inquietações, e desafios de mundo que o estudante enfrenta no seu dia-a-dia, seja este uma comunidade dominada pelo tráfico, ou uma casa de trinta cômodos. A arte pode estar presente em todos os mundos, contudo, é exatamente neste ponto que o trabalho do arte educador se revela de suma importância, por configurar-se ferramenta de mediação para a educação estética, responsável por manter as “portas abertas”.

Em seu livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (FREIRE 2007 p.15). Paulo Freire nos disse: “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. A educação funciona na formação de cidadãos pensantes e criativos. Mas a educação transformadora de atitudes e hábitos precisa dialogar com outras áreas do conhecimento e do ser humano. O ser humano é um ser poético. A Arte, por sua essência é provocadora e questionadora, entrega ferramentas que podem tornar todo o processo de educação mais refinado. Educação e Arte podem caminhar lado a lado. Nesse ambiente a Educação pela Arte forma cidadãos críticos, sensíveis, criativos, com um olhar que penetra as aparências. A Arte faz parte constituinte da formação de crianças, adolescentes e jovens na educação básica, para que desse modo possam ter maior criatividade para se relacionarem e transformarem o mundo que habitam. Nesta perspectiva, Freire afirma que “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas, pessoas transformam o mundo”(1987, p.87).

Sempre teremos dúvidas e curiosidades, desde a infância enquanto crianças, até a vida adulta. A curiosidade é fundamental ao desenvolvimento intelectual na busca por entender o mundo. Mas é preciso que tenha como aliada nesse processo o senso crítico. Segundo Oliveira (2011, p.164) a palavra “crítico”, refere-se aquele que julga, analisa, critica, que emite análise, julgamento, opinião. Esse acionar do senso crítico, pode ser definido como um processo de elaboração humana em busca do real através de questionamentos, proporcionando a evolução mental de cada ser humano lapidando suas profundezas, distanciando-o da ignorância a medida que o aproxima da construção do conhecimento. O senso crítico é fundamental para a construção do conhecimento pois nos torna aptos a questionar o que se apresenta diante de nós, tornando-nos mais capacitados a tomarmos decisões acertadas sem nos deixarmos manipular por situações ou circunstâncias externas.

Ter contato com outras vivências, dialogar com pessoas de pontos de vista divergentes, questionar e refletir sobre a totalidade das coisas, amplia o senso crítico. Na escola é possível encontrarmos estudantes de diferentes raças, grupos, classes sociais e experiências culturais diversas, o que pode inicialmente gerar conflitos. Por este motivo é de extrema importância promover o desenvolvimento de habilidades que promova a valorização das diferentes culturas, que cultivem o respeito mútuo e a valorização das diferenças.

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2008, p.18)

Ainda que a escola seja um cenário de várias culturas, ela vem se deparando com problemas em integrar suas práticas educativas à diversidade cultural dos estudantes, pois, de um modo geral os conteúdos escolares pouco ou nenhuma relação estabelecem com o meio cultural dos estudantes, ou com seus conhecimentos e leituras de mundo. A escola e o educador de Arte têm o compromisso de promover articulações entre o conhecimento prévio dos estudantes e os conteúdos trabalhados. Só assim poderemos contribuir efetivamente com a ampliação desses conhecimentos, alargando seu repertório cultural. Pois, como já nos disse Paulo Freire “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. (FREIRE, 1996, p. 33). A escola, por ser um espaço de tantas diferenças, propicia uma rica experiência intersubjetiva. A esse respeito temos as seguintes palavras do patrono da educação brasileira:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE: 2007, p.46)

O sujeito é resultado dessas inúmeras interações sócio-histórico-culturais. A arte pode ser um importante agente ao desenvolver autonomia, propiciando ao estudante condições de crescer e elaborar novas possibilidades de estar no mundo.

Consideramos que o desenvolvimento cultural de uma pessoa expressa-se não só pelo conhecimento por ela adquirido, mas também pela sua capacidade de usar objetos em seu ambiente externo e, acima de tudo, usar racionalmente seus próprios processos psicológicos. [...] O talento cultural significa,

essencialmente, a capacidade de controlar seus próprios recursos naturais, significa a criação e aplicação dos melhores dispositivos no uso desses recursos (VYGOTSKY: 1996, p. 237).

A arte tem um papel relevante na construção do senso crítico e no desenvolvimento da criatividade, sendo importante aliada na formação de seres humanos críticos, cientes de sua cultura e conscientes do respeito a ser dedicado a toda diversidade dos povos, e cada dia mais aptos a solucionarem problemas e se relacionarem de modo criativo com o mundo a sua volta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas buscam demonstrar de algum modo as inúmeras batalhas travadas pelo ensino da Arte em suas lutas cotidianas para estar presente de modo significativo no ambiente escolar. A presença da Arte inquestionavelmente pode promover o desenvolvimento da criatividade, a elaboração do senso crítico, bem como o fortalecimento de subjetividades (em poderoso processo de intersubjetivação - proporcionado pelo contato com o outro e consigo mesmo através da proximidade com as obras de arte, seja em produções ou em leituras).

Acreditamos que entre as principais atribuições possíveis da Arte no cotidiano escolar esteja a missão de ampliar percepções e modos dos estudantes estarem no mundo e se relacionarem com a vida, especialmente aqueles de classes menos favorecidas, que devido ao abandono paulatino e histórico por parte do Estado-Empresa, talvez estivessem condenados a um processo contínuo de alienação, para que sem maiores questionamentos se submetessem ao que a sociedade de um modo geral os oferece: a condição de mais uma peça na gigantesca engrenagem que move o sistema que os “escravizam”. Ana Mae Barbosa formulou uma abordagem que aponta práticas relevantes no universo da arte educação que se afinam com o pensamento de Paulo Freire, que defendeu com vigor uma pedagogia da autonomia, capaz de capacitar todos os seres humanos a perceberem o lugar que ocupam no mundo, para assim se tornarem capazes de alterar sua própria realidade. Acreditamos que a Arte se revela aliada quando soma a esta luta o seu poder transformador.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: leituras de subsolo**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos de 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Companhia das Artes, 1998.
- BRASIL/MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 5.692/71, de 11 de agosto de 1971. Brasília, v.35, p.1114 – 1125, jul/set, 1971.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte - Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais- Arte: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN + Ensino Médio Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

DUARTE JR, João Francisco. **Por que arte educação?** Campinas: Papyrus, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia Do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, Aline Carrijo de. **Dicionário Escolar - Língua Portuguesa**. 1. ed. Blumenau: Vale da Letras, 2011. p.528.

READ, Hebert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TROJAN. Rose Meri. **A arte e a humanização do homem**. Curitiba: Editora da UFPR., 1996. p. 87-96.

SANTOS, Mateus Silva dos; Caroline Caregnato. **Uma permanência na escola sob ameaça: reflexões a respeito da desvalorização do ensino da arte**. DAPesquisa, Florianópolis, v. 14, n. 22, p. 78-99, abr., 2019. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/1808312914222019078>. Acesso em: 22 abr. 2022.

VYGOTSKY, L. S. & Luria, A. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por toda a força que colocou no meu coração que me ajudou a lutar até o fim. À minha mãe Antonieta, que sempre me apoiou com tudo que eu precisava durante a minha vida.

Ao meu pai Carlos, (*in memoriam*), pois tenho a plena certeza que estaria aqui muito contente com meu sucesso e minhas conquistas.

À minhas irmãs Karla e Keila que me deram coragem e incentivo ao longo do curso.

À Prof.^a orientadora Dr^a Janaína Laport Bêta pela oportunidade e apoio durante todo o processo de construção desse artigo. Agradeço a orientação incansável e a confiança que tornaram possível a realização do meu sonho.

Aos professores do Curso de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, que com muita paciência e dedicação, ensinaram-me não somente o conteúdo programático, mas também o sentido da amizade e do respeito

A todos os amigos que direta ou indiretamente participaram da minha formação. Em especial Alberto Crisóstomo, Sérgio Ramos e Sílvia Teles.

Aos meus colegas de curso, com os quais convivi intensamente de uma forma remota ao longo desses anos de pandemia, agradeço pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como profissional.

Gostaria de dedicar esse artigo a meu sobrinho Christian (*in memoriam*). A gente teve tão pouco tempo juntos, só na barriga de sua mamãe, mas saiba que estará sempre em meu coração.